vinetur

Produtores italianos pedem suspensão de novas plantações de vinha após stocks subirem para 41 milhões de hectolitros

Num encontro no Piemonte, responsáveis do setor afirmaram que a queda de 12% no consumo mundial de vinho está a pressionar os preços e as margens

sexta-feira, 20 de novembro de 2026



Produtores de vinho, economistas e responsáveis regionais do Piemonte afirmaram na quinta-feira, 19 de novembro, que o setor vitivinícola italiano enfrenta um desequilíbrio crescente entre a oferta e a procura, à medida que o consumo diminui e os stocks aumentam. A situação levou a apelos a um controlo mais rigoroso das novas plantações de vinha e à adoção de outras medidas de gestão do mercado.

O debate decorreu no Castelo de Grinzane Cavour, durante uma conferência organizada pela Confagricoltura Cuneo sobre o mercado do vinho, a saúde e a evolução do setor. Os oradores afirmaram que a pressão resulta de uma procura mundial mais fraca, de custos de produção mais elevados e de preços em queda, embora alguns mercados de exportação continuem a mostrar resiliência.

A federação nacional do vinho da Confagricoltura afirmou que os stocks de vinho em Itália ascendiam a 41 milhões de hectolitros em 30 de setembro, face aos 36 milhões de hectolitros registados um ano antes. Este aumento intensificou a preocupação no setor de que o excesso de oferta possa reduzir ainda mais as margens e obrigar a decisões difíceis sobre os rendimentos, as plantações e medidas de emergência para o mercado. Para o setor das bebidas em geral, a acumulação de stocks é relevante porque a pressão prolongada sobre os preços e a rentabilidade do vinho pode afetar o investimento, as despesas de promoção e a composição da oferta, sobretudo num contexto de mudanças na procura dentro da categoria.

Enrico Allasia, presidente da Confagricoltura Cuneo e do Piemonte, afirmou que o setor vitivinícola está sob pressão devido ao aumento dos stocks, à subida dos custos agrícolas e à incerteza nos mercados internacionais. A situação não é igual em toda a Itália, nem sequer em todo o Piemonte, onde o desempenho das exportações e os preços variam consoante o território e a denominação de origem. Ainda assim, a tendência geral do mercado tornou-se mais difícil de ignorar.

Gian Luca Demaria, responsável pela secção vitivinícola da Confagricoltura Piemonte, afirmou que o Piemonte tem 44 961 hectares de vinha, dos quais 42 786 hectares, ou 95%, são dedicados a vinhos DOC e DOCG. A produção regional em 2025 foi de cerca de 2,1 milhões de hectolitros. Ao mesmo tempo, a estrutura do setor mudou significativamente. Entre 2010 e 2025, o número de empresas vitivinícolas no Piemonte

caiu de 19 229 para 11 153, uma redução de 42%. A área de vinha aumentou na província de Cuneo, enquanto Asti e Alessandria perderam hectares, e a propriedade da terra ficou mais concentrada num número menor de empresas nas principais províncias produtoras.

Demaria defendeu a suspensão das autorizações para novas plantações e a realização de vindimas em verde nas zonas onde tal se justifique. Afirmou também que qualquer arranque voluntário de vinhas que já não sejam economicamente sustentáveis deve ser ponderado com cautela. A sua posição refletiu uma mensagem mais ampla transmitida no encontro: os produtores querem instrumentos que permitam ajustar a produção a uma procura mais fraca, mas muitos continuam receosos de recorrer demasiado cedo ou de forma demasiado abrangente a medidas drásticas.

Denis Pantini, responsável pelo Wine Monitor da Nomisma, apresentou dados que mostram a dimensão do abrandamento do consumo. Nos últimos 20 anos, o consumo mundial de vinho caiu 12%, passando de cerca de 250 milhões de hectolitros para menos de 210 milhões. Em Itália, o consumo diminuiu de 24,2 milhões de hectolitros em 2021 para 20,2 milhões em 2025. Pantini afirmou que a frequência de consumo está a diminuir e que a idade média dos consumidores está a aumentar. A quebra afetou sobretudo os vinhos tintos tranquilos, enquanto os espumantes ganharam quota de mercado.

Esta mudança também é visível nos dados do comércio. O Piemonte exportou vinho no valor de 567 milhões de euros no primeiro semestre de 2026, mais 2,3% do que no mesmo período do ano anterior. Contudo, no caso dos vinhos tintos DOP da região, os volumes de exportação cresceram mais do que o valor exportado, o que indica uma redução da receita média por unidade. Este é um problema conhecido dos produtores: os envios podem continuar a aumentar, enquanto a receita por garrafa diminui.

Vários oradores apontaram a França como exemplo da resposta dos governos à quebra da procura. Ludovic Roux, viticultor francês e vice-presidente do grupo de trabalho sobre o vinho da Copa-Cogeca, afirmou que a França já financiou o arranque de 10 000 hectares na região de Bordéus. Os programas nacionais atribuíram depois 110 milhões de euros para 2025 e outros 120 milhões de euros para 2026. A área potencial de vinha

abrangida por esses dois programas é de cerca de 27 000 e 30 000 hectares, respetivamente, embora Roux tenha esclarecido que estes valores representam uma capacidade teórica de intervenção, e não hectares já arrancados. Afirmou também que, entre setembro de 2023 e maio de 2024, a França destilou cerca de 3,2 milhões de hectolitros de vinho, a um custo de aproximadamente 200 milhões de euros.

Os produtores italianos presentes na conferência não apresentaram a destilação ou o arranque de vinhas como primeira opção. Christian Marchesini, presidente da federação nacional do vinho da Confagricoltura, afirmou que a fileira pede um plano de promoção, a suspensão das autorizações para novas plantações e instrumentos de gestão da oferta adaptados às condições regionais. A destilação extraordinária e o arranque, disse, só devem ser usados quando forem indispensáveis e sem retirar recursos ao investimento e à promoção.

O debate abordou também a questão da saúde, que continua a influenciar o consumo de vinho. Attilio Giacosa, presidente de um instituto dedicado à investigação sobre o vinho, a alimentação e a saúde, referiu estudos epidemiológicos sobre o consumo moderado e o lugar do vinho na dieta mediterrânica. As suas declarações surgiram num contexto de alertas persistentes das autoridades de saúde para os riscos associados ao consumo de álcool. Esta tensão passou a fazer parte do contexto comercial dos produtores de vinho, que enfrentam mudanças nos hábitos dos consumidores e mensagens de saúde pública mais rigorosas.

No debate de encerramento, o produtor Angelo Gaja afirmou que o setor precisa de reequilibrar a produção e a procura, que, segundo uma avaliação partilhada com alguns colegas, poderá rondar os 35 milhões de hectolitros. Referiu também a incerteza em torno de possíveis tarifas dos Estados Unidos e afirmou que os vinhos italianos precisam de um posicionamento comercial mais forte.

Paolo Bongioanni, conselheiro regional da Agricultura do Piemonte, afirmou que o governo regional convocará uma Mesa Verde a 30 de novembro e alargará o encontro aos consórcios de proteção. A região espera também receber em dezembro os primeiros resultados de um observatório do vinho desenvolvido em conjunto com a Agrion e a Universidade de Turim. Produtores e responsáveis deverão recorrer a estes dados para avaliar até que ponto devem limitar a produção.